

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: DA INCLUSÃO E DA EXCLUSÃO OU DA EXCEÇÃO E DA REGRA

Carla Priscila Cesário Gonçalves (graduanda pedagogia UEPB)

Erika Barbosa Santos (graduanda pedagogia UEPB)

Juliana Michelle Medeiros do Nascimento (graduanda pedagogia UEPB)

Nivia Kaliana da Silva Costa (graduanda pedagogia UEPB)

Resumo

A pesquisa envolve uma discussão de exclusão e inclusão em uma lógica capitalista com um resgate histórico para tratar da temática no âmbito educacional, nos basearemos em Barroco (2007), e autores citados por ela como, Makarenko, vygotsky entre outros. Nos moldes quanti-qualitativos indo a campo com aplicações de questionários em uma escola pública do município de Remígio- PB, que consistiu em analisar como os professores pensam a exclusão e inclusão no âmbito escolar. Todo nosso trabalho estará pautado em um resgate histórico e diante de nossa discussão poderemos refletir qual nosso papel enquanto educadores e profissionais comprometidos com a nossa prática docente, que nos exige respeito e postura ética diante de nossos alunos. Faremos um levantamento de questões cujo nos possibilitará compreender a lógica capitalista. Objetivamos analisar a função do educador observando como eles veem seus alunos no quesito de inclusão de aprendizagem.

Palavras-chave: inclusão. Capitalismo. Psicologia.

Introdução

Falar de inclusão logo nos remete a pensar em inclusão de pessoas com deficiência, entretanto em nossa pesquisa envolveremos uma discussão de exclusão e inclusão em uma lógica capitalista com um resgate histórico para tratar da temática no âmbito educacional, nos basearemos em Barroco (2007), e autores citados por ela como, Makarenko, vygotsky entre outros. Este artigo é resultado de uma revisão bibliográfica de acordo com fontes que tratam a inclusão e a exclusão como funcionais ao desenvolvimento da lógica capitalista. Não é novidade que o sistema capitalista impõe

mudanças nas relações sociais, tais como o agravamento das desigualdades sociais, em que os indivíduos são colocados em situação de vulnerabilidade social. É nessa perspectiva que entendemos que ao usar os termos inclusão e exclusão estamos reduzindo a questão social à mera forma de acesso ou não a bens e/ou direitos, de uma sociedade com um todo.

Todo nosso trabalho estará pautado em um resgate histórico e diante de nossa discussão poderemos refletir qual nosso papel enquanto educadores e profissionais comprometidos com a nossa prática docente, que nos exige respeito e postura ética diante de nossos alunos, porém sabemos que incluir ou excluir aqui neste trabalho vai mais além de nossa sala de aula e assim travaremos um levantamento de questões cujo nos possibilitará compreender essa lógica capitalista.

Considerando que um contexto de exclusão é uma constante em nossa sociedade, onde se destacam os mais fortes, os vencedores, julgamos relevante levantar algumas questões sobre o tema. Para aqueles que buscam entender as formas particulares com que os processos de eliminação de imensos contingentes de crianças e de jovens das classes populares vêm se dando hoje, mediados pela escola (processos estes que acabam por interditar qualquer possibilidade digna de integração nos âmbitos econômico, social ou político neste país), o enfrentamento da discussão da noção de exclusão, como ela hoje se apresenta é de fundamental importância.

Nesta pesquisa nos deteremos a falar da exclusão do saber sistematizado e do papel do educador, sua contribuição e a importância de uma boa mediação na aprendizagem escolar. Objetivando observar a função do educador para acabar com a lógica da exclusão e especificamente observar como os professores veem seus alunos no quesito de inclusão de aprendizagem, constatar a exclusão de pessoas no meio escolar o lhes é negado e o porquê, analisar como os professores reagem frente a inclusão ou exclusão escolar.

Realizamos uma pesquisa nos moldes quanti-qualitativos indo a campo com aplicações de questionários em uma escola pública do município de Remígio- PB, que consistiu em analisar como os professores pensam a exclusão e inclusão no âmbito escolar. De acordo com MARCONI e LAKATOS (1996), a pesquisa de campo é uma fase que é realizada após os estudos bibliográficos, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois é nesta etapa que ele vai definir os objetivos da

pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados e a metodologia aplicada.

Diante dessa afirmação podemos constatar que a realização desta pesquisa consiste em relacionar a teoria com a prática, para que assim possamos fundamentar nossas hipóteses para os supostos resultados e assim termos uma pesquisa com base fundamentada nos apropriando de um conhecimento científico necessário em nossa formação acadêmica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de educação e sociedade inclusiva ganhou evidência na década de 1990, ao se propor a uma mudança de comportamento frente a essa temática, pois só se inclui o que já está excluído. A exclusão é uma expressão direta da desigualdade social, econômica, política, cultural e simbólica, desigualdade estruturada e estruturante.

A exclusão é um processo dialético e histórico, decorrente da exploração e da dominação, com vantagens para uns e desvantagens para outros, estruturante da vida das pessoas e coletividades, diversificada, relacional, multidimensional, e com impactos de desigualdade, distanciamento, inferiorização, perda de laços sociais, políticos e familiares, com desqualificação, sofrimento, inacessibilidade a serviços, insustentabilidade e insegurança quanto ao futuro, carência quanto às necessidades, com invisibilidade social, configurando um distanciamento da vida digna, da identidade desejada e da justiça.

Ao se propor a tratar de inclusão precisa-se entender que há uma parte da sociedade marginalizada, porém, que participa do projeto societário capitalista, a desigualdade é condição de existência do capitalismo, embora encoberta pela aparente igualdade perante a lei, tendo em vista que no capitalismo todos estão inclusos de uma forma ou de outra, todos são partícipes de uma sociedade, independentemente das condições em que se vive.

Para uma compreensão mais ampla sobre a inclusão vivenciada atualmente é necessário que seja compreendida e considerada a lógica do capitalismo, que segundo Barroco:

Consiste em levar a população à conformação das relações sociais, embora essas relações sejam distintas de uma camada social para outra, já que uns tem acesso a bens materiais, conhecimento científico, ou seja, têm a apropriação, fruição e usufruto do que há de mais elevado. Enquanto a outra parte luta pela sobrevivência biológica e pela satisfação das necessidades primárias. Trata-se da condição de exclusão em sua forma mais dramática, a que gera a incerteza da própria existência. (BARROCO, 2007, p. 161-162)

Essa luta pela apropriação dos bens é decorrente dos séculos XIX e XX, da era industrial e suas complexidades, nas quais o modo de vida é regido por essa apropriação, onde poucos são os vencedores. Na lógica do mercado capitalista os “incapazes ou ineficientes” é que não têm acesso ao mercado de trabalho. A busca do aumento de produtividade e dos investimentos, por sua vez, produz e reproduz uma exclusão gigantesca, onde os mais frágeis são os primeiros a serem excluídos.

No âmbito educacional, também existe a exclusão em suas mais diversas formas desde o século XIX, onde os alunos eram preparados para o mercado de trabalho e, portanto, deveriam dominar vários conhecimentos. A pedagogia proposta era centrada nos conteúdos e nas atividades, sem nunca contemplar uma relação entre aluno e conhecimento que verdadeiramente integrasse conteúdo e método, de modo a propiciar o domínio intelectual das práticas sociais e produtivas.

Dessa forma a escola, se constituiu historicamente como uma das formas de materialização da divisão do trabalho, ou seja, como o espaço por excelência, do acesso ao saber teórico, divorciado da práxis, representação abstrata feita pelo pensamento humano, e que corresponde a uma forma peculiar de sistematização, elaborada a partir da cultura de uma classe social. E, não por coincidência, é a classe que detém o poder material que possui também os instrumentos materiais para a elaboração do conhecimento.

Conforme Barroco (2007), desde a educação infantil, a escola precisaria ensinar os indivíduos a valorizar o trabalho socialmente útil e aprender a realizá-lo. Assim, o homem era formado para viver uma inclusão subjugada, onde deixa-se de lado o seu direito de participar da história da sociedade, sendo levado ao oportunismo. O indivíduo

era levado à lógica da mercadoria, tendo ele mesmo o seu valor de troca instituído de modo rebaixado.

Esse mesmo homem que foi formado para ser subjugado é também o homem que freqüentou a escola, e que conseqüentemente vai reproduzir o que aprendeu. Marx defendia que a superação do processo de alienação envolvia a busca de elementos para a explicação da realidade além das aparências, e nesse sentido a ciência que deveria ser alvo da educação. (MARX apud BARROCO, 2007, p. 167). Não basta conhecer a alienação do homem, é preciso um empenho histórico para superá-la. Essas reflexões são fundamentais à formação do educador/a, que atua diretamente com esse homem nas escolas, numa época de total controvérsia, onde há a defesa da inclusão, no entanto, a prática social é excludente.

Por isso o educador precisa realizar propostas de intervenções pedagógicas, onde seja compreendida a lógica da exclusão. Pois segundo (BARROCO, 2007), professores, alunos e pais, adjetivados das mais diferentes maneiras, têm estabelecido relações interpessoais nada educativas, posto que não têm levado à um estado de maior consciência a respeito de si mesmos e do mundo. Sendo assim é necessário uma mudança de comportamento, pois os indivíduos se constroem socialmente, humanizando a si próprios.

Por fim, é indispensável que os educadores levem os indivíduos a se compreenderem como participantes ativos na sociedade e buscarem mudanças significativas diante de tudo o que lhes foi imposto desde os primórdios da educação básica para assim fornecer elementos para uma prática educacional diferenciada.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

1. O que entendem por inclusão e exclusão?

R1 e R2: Inclusão são ações que combatem a exclusão.

Exclusão: os que estão à margem da sociedade.

R3, R4 e R5: Inclusão permite que alguém participe de uma ação.

Exclusão: deixá-lo de fora das atividades.

2. Como veem as crianças que apresentam alguma dificuldade escolar?

R1, R2, R3 e R5: Veem que elas precisam do apóio do professor e da família.

R4: Considera que essas crianças não acompanham os conteúdos de uma classe regular.

3. Acham que as crianças que apresentam alguma dificuldade são incluídas ou excluídas? Por quê?

R1 e R2: A escola não está preparada para receber alunos com necessidades educacionais especiais.

R3 e R4: Sim, são incluídas, pois estão no meio das outras crianças.

R5: Não. Alguns ficam as margens da aprendizagem e acabam se sentindo excluídos.

4. Como as crianças ditas hiperativas, indisciplinadas poderiam ser incluídas no processo regular de ensino?

R1 e R4: Com o apóio escolar e estrutura física adequada.

R2 e R3: Colocando regras de acordo com cada situação.

R5: O professor precisa ter uma boa formação para saber identificar essas crianças e saber lidar com elas da melhor forma possível.

5. Como a escola trata da inclusão de ordem digital?

R1 e R5: A escola não tem acesso a programas do governo federal.

R3: De forma pacífica, pois nem todos têm acesso ao mundo digital.

R2: O Brasil ainda engatinha quando se fala em inclusão digital nas escolas públicas.

R4: O professor ainda não se encontra preparado para lidar com o sistema digital, mas acha fundamental para a aprendizagem do aluno.

6. Qual a contribuição dos professores para a inclusão e a exclusão?

R1: O professor contribui para a inclusão quando resgata a autonomia e auto-estima do aluno, quando há interação entre ambos, não rotulando, buscando seus valores, dando oportunidades ao aluno para pensar e agir, respeitando os ritmos de cada aluno.

Contribui para a exclusão: rotular o aluno, que gera fracasso escolar.

R2 e R3: Os professores são defensores do processo de inclusão, pois trabalham para modificar a sociedade.

R4: Não existe turma homogênea e o professor contribui com a inclusão quando não faz distinção entre os seus alunos.

Exclusão: quando não dá oportunidades para que os alunos estejam envolvidos nas atividades.

ELENCANDO OS RESULTADOS

Mediante as respostas das professoras percebemos que estas ainda têm uma visão muito restrita acerca do tema exclusão e inclusão. Algumas professoras colocam os alunos no patamar de “incluídos” pelo simples fato de estarem no mesmo espaço físico das demais crianças que se encontram nos padrões “normais” de aprendizagem e de desempenho no meio social, sem considerar que é preciso oferecer condições para que essa inclusão não se dê de forma subjugada.

Visto que a inclusão é “uma ação que combate a exclusão”, de acordo com a fala de algumas professoras entrevistadas, observamos a importância da postura do educador para acabar com a lógica da exclusão. Se por um lado as instituições sociais (como a escola, por exemplo) podem contribuir para garantir a estabilidade ou a continuidade da sociedade capitalista e, conseqüentemente, com a exclusão, por outro lado ela pode oferecer subsídios para que essa lógica capitalista seja superada. O esforço do professor

deve ser o de “promover compreensão e superação da mesma” (BARROCO, 2007, p.158).

É imprescindível que o educador seja consciente do seu papel na sala de aula enquanto mediador do saber sistemático, uma vez que, a condição de exclusão se constrói na prática social, tal como a personalidade e a formação dos processos psicológicos superiores. A promoção da formação desses processos deve ser trabalhada na escola.

Constatamos, pelas considerações das professoras que algumas mostram atitudes que Barroco (2007) coloca como regra, que seriam pensar nos alunos problemáticos como sujeitos sem muita saída (quando em algumas respostas colocam ênfase na responsabilidade da família e acham que sem o apoio dela não podem fazer muita coisa). Outras professoras se enquadram no que Barroco chama de exceção, pois acreditam que apesar dos dramas pessoais dos alunos com um bom apoio pedagógico eles podem avançar na aprendizagem.

CONCLUSÃO

De maneira sucinta pudemos constatar que em seu processo histórico a exclusão está dentro de um vasto olhar sobre como se dá na lógica do capitalismo, uma vez que, excluir não está só para a perspectiva de pessoas com deficiência, os sem-terra, os idosos, os sem moradia, os segregados por raça, cor, credo e opção sexual, mas sim nas relações sociais que observamos a exclusão dentre os que não tem acesso a escola e conseqüentemente não desenvolverá os processos psicológicos superiores – saber sistematizado.

E ainda observamos em nossa pesquisa como a visão de nossos educadores ainda se restringe a uma visão limitada do que é excluir e incluir no meio social, pelo qual segundo nossos estudos a exclusão escolar faz parte de uma totalidade complexa a sociedade capitalista, e deve ser analisada como parte integrante/ integrante dessa totalidade. A exclusão escolar não está desvinculada nem mesmo tem origens diversas das outras tantas formas de exclusão e, portanto, sua superação encontra-se atrelada à necessidade de profundas transformações sociais.

Assim, desta maneira a pesquisa veio trazer uma grande contribuição para nossa formação acadêmica, diante de dificuldades enfrentadas nesta sociedade de cunho capitalista.

REFERÊNCIAS

BARROCO, Sonia Mari shima. Psicologia e educação: da inclusão e da exclusão ou da exceção e da regra. In: **Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação**. MEIRA, Marisa Eugenia Melillo & FACCI, Marilda Gonçalves Dias. (orgs.). São Paulo: Casa do psicólogo, 2007. Pags.155-183.

profludfuzzimetodologia.blogspot.com/ acessado em 10 de junho de 2012

KUENZER, Acacia Zeneida. EXCLUSÃO INCLUDENTE E INCLUSÃO EXCLUDENTE: A NOVA FORMA DE DUALIDADE ESTRUTURAL QUE OBJETIVA AS NOVAS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO. São Paulo, Cortez, 1998.